

Fecundidade e usos de métodos contraceptivos entre as mulheres Krenak, Minas Gerais, Brasil

Cláudio Santiago Dias Júnior
Departamento de Sociologia e Antropologia
Universidade Federal de Minas Gerais

Ana Paula de Andrade Verona
Departamento de Demografia
Universidade Federal de Minas Gerais

João Luiz Pena
Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental
Universidade Federal de Minas Gerais

Luciano Evangelista Moreira
Universidade Presidente Antônio Carlos

George Luiz Lins Machado-Coelho
Departamento de Ciências Médicas
Universidade Federal de Ouro Preto

RESUMO

O objetivo deste estudo é apresentar dados referentes à fecundidade e ao padrão de uso de métodos contraceptivos modernos das mulheres indígenas Krenak, residentes no estado de Minas Gerais, Brasil. Utilizando dados produzidos pela pesquisa “Distribuição Espacial da Desnutrição da População Infantil e das Nosologias Prevalentes no Período de 2000 a 2006, em Populações Indígenas em Minas Gerais”, foram calculadas as taxa de fecundidade total (TFT) de período no intervalo de 2003 a 2007 (para mulheres de 15-49 anos), e de coorte (para mulheres com 50 anos e mais), a idade média ao ter os filhos, o intervalo intergenésico e a distribuição percentual entre os métodos contraceptivos modernos usados. Os resultados sugerem que a fecundidade das mulheres Krenak está declinando. A TFT das mulheres em idade reprodutiva é de 3,6 filhos, enquanto que a TFT das mulheres com 50 anos e mais é de 7,5 filhos. Foi também observado o uso intensivo de métodos contraceptivos modernos, com destaque para o uso da pílula (52,6%).

Palavras-chave: Índios da América do Sul, Krenak, Fecundidade, Métodos contraceptivos

Introdução

Diversos levantamentos realizados por entidades ligadas à causa indígena revelam que no Brasil existem cerca de 200 povos indígenas (Orellana e col, 2007; Pagliaro e col, 2005). Esses povos estão distribuídos por todo o território nacional, e se dividem em várias etnias e línguas faladas, com características sociais, culturais e econômicas distintas (Pagliaro e col, 2005). O tamanho desta população varia segundo as fontes de informação. Resultados preliminares do Censo Demográfico de 2010 revelam a existência de 815 mil indígenas, cerca de 0,4% do total da população brasileira (IBGE, 2011; Dias Júnior e col, 2008).

Em Minas Gerais, o número de indígenas aldeados é de aproximadamente 12 mil pessoas, segundo o censo realizado pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) em 2007. De acordo com esse levantamento, oito povos indígenas residem no estado, sendo eles os Xakriabá, Maxakali, Krenak, Pataxó, Caxixó, Xukuru-Kariri, Pankararu e Aranã. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estimaram a existência de 32 mil pessoas que se autodeclararam indígena no estado em 2010 (IBGE, 2011), enquanto esse número era 49 mil em 2000 (IBGE, 2011; Dias Júnior e col, 2008).

Dentre vários fatores, a baixa representatividade dos povos indígenas no total da população brasileira pode ser vista como um dos motivos que levam os demógrafos a darem pouca atenção a essa parcela da população (Dias Júnior e col, 2008; Wong e col, 2009). Além disso, a escassez de dados para uma parcela significativa da população indígena, como a residente em Minas Gerais, por exemplo, e a dificuldade em realizar trabalhos interdisciplinares (no caso da população indígena aldeada é muito importante a troca de conhecimentos e técnicas de pesquisa entre antropólogos, médicos e demógrafos) limitam a produção de estudos demográficos sobre populações indígenas no Brasil.

Desta forma, o presente trabalho visa diminuir esta lacuna analisando aspectos importantes da fecundidade e do uso de métodos contraceptivos entre as mulheres Krenak, residentes no estado de Minas Gerais.

Os dados utilizados foram produzidos pela pesquisa *“Distribuição Espacial da Desnutrição da População Infantil e das Nosologias Prevalentes no Período de 2000 a 2006, em Populações Indígenas em Minas Gerais”*, coordenada pelo Laboratório de Epidemiologia da Escola de Farmácia, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Esta pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

Quem são os Krenak?

Desde o início da exploração portuguesa no século XVI, os botocudo, grupo indígena pertencente ao tronco lingüístico Macro-Jê, mantiveram um contato belicoso com os colonizadores (Paraíso, 1992; Arantes, 2006). Com a falência das capitâneas de Ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo, áreas habitadas pelos botocudo no século XVII, a região foi “abandonada” por Portugal. Esse abandono permitiu a preservação das matas nativas da região, que além de servir como bloqueio natural ao acesso às minas de ouro e diamante encontradas nas atuais Ouro Preto, Sabará e Diamantina, em Minas Gerais, foi favorável aos povos indígenas que viviam na região, uma vez que puderam preservar-se de potenciais efeitos negativos decorrentes do contato com o branco (Paraíso, 1992).

Esse isolamento terminou com o declínio do ciclo-do-ouro em Minas Gerais no final do século XVIII. A busca de alternativas econômicas para a colônia fez com que as áreas ainda pouco exploradas economicamente fossem, aos poucos, ocupadas pelos homens brancos. Mais uma vez, a região habitada pelo povo botocudo foi invadida por colonos, fazendeiros e comerciantes, iniciando, novamente, um longo período de conflitos entre brancos e índios, que perpassou todo o século XIX e mais da metade do século XX. Deste contato, o único povo botocudo sobrevivente foi o Krenak (Paraíso, 1992; Arantes, 2006).

Os Krenak surgiram de uma dissidência do grupo Gutkrak, que viviam no Espírito Santo. Essa dissidência ocorreu no início do século XX por discordâncias em relação aos contatos estabelecidos com o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) (Paraíso, 1992). Com essa cisão, os Krenak, comandados por Capitão Krenak, se refugiaram nas matas do município de Resplendor, em Minas Gerais. Após alguns impasses em relação ao estabelecimento de uma área para o povo Krenak, em 1918 o Estado de Minas Gerais cedeu 2 mil hectares, que foram ampliados para 4 mil em 1920 (Paraíso, 1992).

Mesmo com a posse de suas terras, os Krenak conviveram com invasões por parte dos homens brancos e com dificuldades de toda sorte, seja em relação à sobrevivência ou ao convívio forçado com outros povos indígenas. Só em 1997 a Terra Indígena Krenak foi demarcada, tendo uma área de 4.039.824 hectares. Esta Terra Indígena está localizada no município de Resplendor, às margens do rio Doce, no extremo leste do Estado de Minas Gerais, quase na divisa do Estado do Espírito Santo.

A população Krenak residente nesta Terra Indígena apresenta um alto índice de mestiçagem, devido, principalmente, aos casamentos interétnicos. Tal característica, às vezes, os fazem passar por caboclos, colocando em dúvida as suas raízes indígenas. Apesar disso, como ressalta Paraíso (1992), mesmo

“transformados, lutando para manter a sua identidade, o que constatamos é que os Krenak, além de sua língua - o borum - que é falada com fluidez e regularidade pelos adultos, mantêm ainda alguns traços característicos do seu povo. Isto apesar das adaptações exigidas pelo contato para que garantisse a sobrevivência física e a reprodução social dos botocudos.” (p.428)

Dados e Metodologia

Este trabalho utiliza os dados do censo realizado em 2007 pela equipe de pesquisadores da UFOP. De acordo com essa pesquisa, a população da Terra Indígena Krenak é composta por 240 indivíduos, que residem em 57 domicílios dispersos em cinco aldeias: Pólo Atoram, Pólo Barca, Pólo Cacau, Pólo Cacique e Pólo Eme. Como o objetivo deste trabalho é descrever aspectos do comportamento reprodutivo feminino, foram selecionadas apenas as mulheres com 15 anos e mais de idade, residentes na Terra Indígena Krenak, totalizando 72 mulheres sendo que 62 em idade reprodutiva (15-49 anos de idade).

O tópico sobre comportamento reprodutivo do questionário aplicado na Terra Indígena Krenak foi desenvolvido a partir do questionário do Censo Demográfico 2000 do IBGE e do questionário do Demographic Health Survey (DHS) aplicado no Brasil em 1996. Além das tradicionais questões de identificação do indivíduo e suas características socioeconômicas e demográficas, foram incluídas questões referentes ao número de filhos nascidos vivos, a história de nascimentos e o conhecimento e uso de métodos contraceptivos. Como o povo Krenak se comunica fluentemente em português, não foi preciso traduzir os questionários para o idioma Borum.

O trabalho de campo nos Krenak foi realizado em Abril de 2007. Os questionários foram aplicados por alunas do curso de nutrição da UFOP. Todo o trabalho de campo foi acompanhado por agentes indígenas de saúde e coordenado pelo antropólogo da equipe.

A descrição do comportamento reprodutivo das mulheres Krenak foi feita a partir do cálculo da taxa de fecundidade total (TFT) de período no intervalo de 2003 a 2007 (para mulheres de 15-49 anos), e de coorte (para mulheres com 50 anos e mais), da idade média ao ter os filhos, intervalo intergenésico e do uso de métodos contraceptivos.

Para calcular a TFT de coorte utilizamos um método demográfico de estimativa da fecundidade chamado Razão de Progressão por Parturição – RPP (Preston e col, 2001). Este método estima a fecundidade e o seu padrão a partir da informação de parturição de uma determinada coorte de mulheres (grupo de mulheres que pertencem ao mesmo intervalo etário). A RPP é a probabilidade de se ter um filho de ordem $x+1$ dado que se tenha um filho de ordem x . Geralmente a RPP é utilizada em coortes que já encerraram a vida reprodutiva, isto é, coortes de mulheres com 50 anos e mais de idade. Portanto, uma característica desta medida é que ela representa o comportamento reprodutivo passado da população, permitindo assim, fazer comparações com a fecundidade observada no período atual.

A fórmula (1) apresenta o cálculo da TFT a partir do somatório das RPPs:

$$TFT = \frac{N_x}{M_x} = \frac{\sum_{x=1}^n N_x}{\sum_{x=0}^n M_x} = \sum_{x=1}^n RPP_{(0,x)} \quad (1)$$

Onde:

N_x = número de nascimentos de parturição x

M_x = número de mulheres com parturição x (até parturição = n).

A idade média ao ter os filhos, segundo a ordem de nascimento, e o intervalo intergenésico foram calculados de maneira direta, uma vez que o questionário possui as idades das mães aos terem seus filhos, em todas as ordens. As informações sobre o uso de contraceptivos também foram coletadas diretamente do questionário.

Resultados

De acordo com os dados levantados, observa-se que quase 64% das mulheres Krenak em idade reprodutiva têm até 34 anos, período de maior propensão à gravidez. Do total das mulheres com quinze anos e mais de idade, 68% tem pelo menos um filho. O menor percentual, como esperado, é no grupo de 15 a 19 anos (25%). Entre as mulheres de 30 a 39 anos, todas têm filhos. A partir dos 40 anos percebe-se uma redução percentual de mulheres com filhos (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição percentual das mulheres Krenak segundo grupo etário e presença de filhos, 2007.

Grupo etário	Mulheres	% de mulheres	Mulheres com filhos	% de mulheres com filhos
15-19	8	11,1	2	25,0
20-24	15	20,8	7	46,7
24-29	14	19,4	10	71,4
30-34	9	12,5	9	100,0
35-39	4	5,6	4	100,0
40-44	7	9,7	6	85,7
45-49	5	6,9	4	80,0
50+	10	13,9	7	70,0
Total	72	100,0	49	68,1

Fonte: Pesquisa Distribuição Espacial da Desnutrição da População Infantil e das Nosologias Prevalentes no Período de 2000 a 2006, em Populações Indígenas em Minas Gerais, UFOP, 2007.

A TFT de período calculada para o intervalo entre 2003 e 2007, na TI Krenak, é de 3,6 filhos por mulher, enquanto que a TFT de coorte, isto é, das mulheres com 50 anos e mais, é de 7,5 filhos, uma expressiva diferença de quase quatro filhos. Esta diferença pode evidenciar o declínio da fecundidade entre as mulheres Krenak, uma vez que demonstra diferenças geracionais significativas em relação ao regime reprodutivo.

Os dados ainda revelam que o intervalo intergenésico médio encontrado entre as mulheres Krenak é de 39,1 meses. Entre o primeiro e o segundo filho, o intervalo é de 3,4 anos; entre o segundo e o terceiro filho o intervalo é 3 anos e entre o terceiro e quarto filho 2,4 anos.

Outra informação importante é que entre as mulheres Krenak, 65% tiveram o primeiro filho entre 18 e 22 anos, sendo que a idade média ao ter o primeiro filho foi de 20,8 anos e o quarto filho, 29,6.

A Tabela 2 apresenta a distribuição em relação ao uso de métodos contraceptivos entre as mulheres Krenak, segundo os grupos etários. Pode-se observar que o método contraceptivo mais difundidos entre as mulheres Krenak é a pílula anticoncepcional. Este método correspondeu à 55,6% das respostas.

É interessante perceber que o uso da pílula é comum em todos os grupos etários, excetuando, é claro, o grupo de mulheres que não estão mais em idade reprodutiva, e entre as mulheres de 20 a 24 anos, período onde ocorre o nascimento do primeiro filho, em média, entre as Krenak. Neste último grupo, praticamente 50% não usa métodos para evitar filhos.

Outro ponto a ser destacado é o percentual de mulheres esterilizadas (5,6%) e que usam preservativo masculino (5,6%). Por outro lado, 27,8% das mulheres Krenak declararam não usar métodos para evitar filhos. Apesar dos dados não mostrarem, pode-se esperar o uso de mais de um método contraceptivo por parte das mulheres Krenak.

Tabela 2 - Distribuição em relação ao uso de métodos contraceptivos entre as mulheres Krenak, segundo os grupos etários, 2007

Grupo etário	Camisinha	Pílula	Ligadura	Outros	Não usa	Total
15-19	0	5	0	0	3	8
20-24	2	5	0	1	7	15
24-29	2	8	1	2	1	14
30-34	0	9	0	0	0	9
35-39	0	3	0	0	1	4
40-44	0	5	1	1	0	7
45-49	0	3	1	0	1	5
50+	0	2	1	0	7	10
Total	4	40	4	4	20	72
Total %	5,6	55,6	5,6	5,6	27,8	100,0

Fonte: Pesquisa Distribuição Espacial da Desnutrição da População Infantil e das Nosologias Prevalentes no Período de 2000 a 2006, em Populações Indígenas em Minas Gerais, UFOP, 2007.

Discussão

De uma maneira geral o que se observa nos artigos publicados sobre povos indígenas aldeados no Brasil são as altas taxas de fecundidade, que em conjunto com o declínio das taxas de mortalidade infantil, proporcionam elevadas taxas de crescimento anual (McSweeney e Arps, 2005; Pagliaro e col, 2007). Santos e col (2005), por exemplo, ao analisarem dados oriundos de diversos recenseamentos e da história reprodutiva das mulheres Xavante de Pimental Barbosa, no Mato Grosso, construíram uma série histórica da TFT. Entre 1942/1956 a TFT era de 8,0 filhos por mulher. No período de 1957/1971 essa TFT declinou para 5,9. Em seguida, entre 1972/1990, observou-se uma recuperação da TFT, que chegou a 7,9 filhos por mulher. Segundo os autores, as mulheres Xavante alegaram que no período de 1957/1971 houve um aumento da mortalidade infantil, fazendo com que elas perdessem a vontade de ter filhos, uma vez que não queriam ver a prole morrer. Já entre os Xavante de Sangradouro-Volta Grande, no período de 1993-1997, a TFT estava próxima de 8,6 filhos, segundo Souza e Santos (2001). Dados levantados por Souza e col (2011), mostram que a TFT encontrada entre as Xavante no período de 1999/2004 foi de 7,7 filhos. Campanário (2005) encontrou uma TFT de 10,1 filhos por mulher, entre os índios Kaiabi, do Parque Indígena do Xingu, no período de 1995-2000. De acordo com o autor, nessa mesma tribo, no período de 1970-1975 a TFT era de 5,3 filhos por mulher. Em outro estudo de caso, focalizando os Sataré-Mawé, no Estado do Amazonas, no ano de 2002-2003, Teixeira e Brasil (2005) estimaram uma TFT de 8,1 filhos por mulher. Já entre os Kaiamurá, Pagliaro e Junqueira (2007) observaram um aumento da TFT entre os anos de 1970-1979 e 2000-2003. Segundo essas autoras, no primeiro período analisado, a TFT era de 5,4 filhos, passando para 6,2 no segundo período. Entre os Bororo do Mato Grosso, segundo Souza e col (2009), a TFT era de 4,3 filhos em 1993-1996. Já Valencia (2010) identificou uma TFT de 6,3 filhos entre as mulheres Suruí de Rondônia.

Como mostram os dados citados acima, todos relativos aos povos amazônicos, a fecundidade é bastante alta entre os indígenas residentes em TI's no norte do Brasil. Tal fato é interessante porque entre os Krenak ocorre justamente o inverso. Dados deste estudo revelam que a fecundidade está declinando. No período de 2003-2007 a TFT Krenak já estava em 3,6 filhos por mulher, um valor bem abaixo dos encontrados entre os já citados Xavante (Flowers, 1994), Kaiabi (Pagliaro, 2005), Suruí (Valencia, 2010), dentre outros.

Se compararmos com os dados dos Guarani-Mbyá, do Município de Paraty, estado do Rio de Janeiro, localizado na região sudeste do Brasil, a TFT dos Krenak é baixíssima, uma vez que a TFT das mulheres Guarani era de 12 filhos por mulher no período de 1997-1999 (Alcaez Lopez, 2000).

As diferenças encontradas podem ser analisadas, considerando, por exemplo, a idade média ao ter o primeiro filho. Entre os Krenak, essa idade é de 20,8 anos, ao passo que entre os Kaiamurá essa idade era de 18,8 anos em 2000-2003 (Pagliaro e Junqueira, 2007), 16 anos para os Kaiabi das coortes nascidas entre 1975-1979 (Pagliaro, 2005) e 15,7 entre as Suruí (Valencia, 2010). Além disso, entre os Krenak o intervalo médio entre os nascimentos é de 39,1 meses, enquanto entre os Kaiabi, entre 2000-2003 era de 36 meses (Pagliaro, 2005) e Suruí 22,8 (Valencia, 2010).

É esperado que aspectos regionais possam estar influenciando o declínio da fecundidade entre os Krenak. É provável que entre os Krenak o volume de informação sobre maneiras mais modernas de controle da natalidade seja muito maior e mais eficiente do que o observado entre outros povos indígenas (seja via televisão, contato continuado com a sociedade branca, bem como um maior acesso aos postos de saúde).

Outro resultado que pode explicar a redução da fecundidade é o percentual de mulheres Krenak em idade reprodutiva que utilizava algum método para evitar filhos (72%), sendo que a grande maioria opta por pílulas anticoncepcionais, um método moderno, eficiente e que exige acesso e certo grau de conhecimento para a sua utilização. Esse fator pode ser fundamental para o declínio observado nas TFTs dos Krenak. Como contraponto, observa-se que apenas 5,3% as mulheres Kisêdjê (TFT de 6,7 filhos), residentes no Parque Nacional do Xingu, no Mato Grosso, utilizavam anticoncepcionais hormonais no período de 2000-2007 (Pagliaro e col, 2009). Entre as mulheres Yudjá, residentes na mesma Terra Indígena, a fecundidade observada no período de 2000-2007 foi de 8,8, sendo que nenhuma delas utilizava anticoncepcionais hormonais (Pagliaro e col, 2009).

Conclusão

O comportamento reprodutivo dos Krenak difere muito dos relatos obtidos entre outros povos indígenas residentes em TI's. Fica claro nos resultados deste trabalho uma possível associação entre o declínio da fecundidade e o uso intensivo de métodos modernos de contracepção entre as mulheres Krenak. Além do uso de métodos contraceptivos, é provável que outras variáveis possam explicar tais diferenças. Nesse sentido, novas investigações são importantes para identificar se existem e quais são as possíveis variáveis que possam explicar tais diferenças.

Acredita-se que os resultados deste estudo evidenciam a importância de estudos sobre o comportamento sexual e reprodutivo entre as populações indígenas. Seria importante a geração de mais dados, por etnias, para se identificar os padrões reprodutivos da população indígena aldeada em todo o Brasil.

Bibliografia

ALCAREZ LOPEZ, G.M. A fecundidade entre os Guarani: um legado de Kunhankarai. Rio de Janeiro, 2000. Tese (Doutorado em Saúde Pública), ENSP, 2000.

ARANTES, L.L. Diferenças indissolúveis. Um estudo sobre a sociabilidade Borum. Brasília, 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia). UnB, 2006.

CAMPANÁRIO, P. Estimativas de fecundidade e de mortalidade de populações de pequena escala através de um modelo demográfico. In: Pagliaro H, Azevedo MM, Santos RV (Orgs.). Demografia dos Povos Indígenas no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 103-118.

DIAS JÚNIOR CS, VERONA APA, PENA JL, MACHADO-COELHO GLL. Fecundidade das mulheres autodeclaradas indígenas residentes em Minas Gerais, Brasil: uma análise a partir do Censo Demográfico 2000. Cadernos de Saúde Pública, v.24, p. 2477-2486, 2008.

FLOWERS, N.M. Crise e recuperação demográfica: os Xavante de Pimentel Barbosa, Mato Grosso. In: Santos, RV. e Coimbra JR, CEA. (Orgs.) Saúde e povos indígenas. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 1994, p.213-242.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. <http://www.ibge.gov.br> (acessado em 24/Nov/2011)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Tendências demográficas: Uma análise dos indígenas com base nos resultados da amostra dos censos demográficos 1991 e 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

MCSWEENEY K, ARPS S.A. “Demographic turnaround” The rapid growth of indigenous populations in lowland Latin America. Latin American Research Review, v.40, p.3-29, 2005.

ORELLANA JDY, BASTA PC, SANTOS RV, COIMBRA JR CEA. Morbidade hospitalar em crianças indígenas Suruí menores de dez anos, Rondônia, Brasil (2000 - 2004). Revista Brasileira de Saúde Materno- Infantil, v. 7, p. 281-287, 2007.

PAGLIARIO, H, AZEVEDO, M.M; SANTOS, R.V.P. Demografia dos Povos Indígenas no Brasil: um panorama crítico. In: Pagliaro H, Azevedo MM, Santos RV (Orgs.). Demografia dos Povos Indígenas no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 11-32.

PAGLIARO H, CARVALHO, N.S, RODRIGUES D, BARUZZI, R.G. Demography Dynamics of the Suyá, a Jê People of the Xingu Park, Central Brazil, 1970-2004. Cadernos de Saúde Pública, v.5, p.1071-1081, 2007.

PAGLIARO H, COELHO, C.C, MARTINS, J.C; MENDONÇA S . Fecundidade e Saúde Sexual e Reprodutiva dos Kisêdjê, Yudjá, Ikpeng e Kaiabi do Parque Indígena do Xingu, Brasil Central. In: Wong LR. (Org.). Avances y retrocesos en la salud sexual y reproductiva en América Latina. Rio de Janeiro: Asociación Latinoamericana de Población, 2009, v. 1, p. 89-111.

PAGLIARO H, JUNQUEIRA C. Recuperação Populacional e Fecundidade dos Kamaiurá, Povo Tupi do Alto Xingu, Brasil Central, 1970-2003. *Saúde e Sociedade*, v.16, p.37-47, 2007.

PAGLIARO, H. A revolução demográfica dos povos indígenas: a experiência dos Kaiabi do Parque Indígena do Xingu, Mato grosso. In: Pagliaro, H.; Azevedo, M. M.; Santos, R. V. (Orgs.). *Demografia dos Povos Indígenas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 79-102.

PARAÍSO MHB. Os botocudos e sua trajetória histórica In: Cunha MCC, *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras; 1992. p.413-430.

PRESTON, S.H, HEUVELINE P, GUILLOT, M. *Demography: measuring and modeling population processes*. Malden, MA: Blackwell, 2001.

SANTOS, R.V, FLOWERS, N.M, COIMBRA JR, C.E.A. Demografia, epidemias e organização social: os Xavante de Pimentel Barbosa (Etéñitépa), Mato Grosso. In: Pagliaro H, Azevedo MM, Santos RV (Orgs.). *Demografia dos Povos Indígenas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 59-78.

SOUZA, L.G, PAGLIARO, H, SANTOS, R.V. Perfil demográfico dos índios Boróro de Mato Grosso, Brasil, 1993-1996. *Cadernos de Saúde Pública*, v.25, p.328-336, 2009.

SOUZA, L.G, SANTOS, R.V, PAGLIARO, H, CARVALHO, M.S, FLOWERS, N.M, COIMBRA JR, C.A. Demography and health of the Xavante Indians of Central Brazil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 27, p.1891-1905, 2011

SOUZA, L.G, SANTOS, R.V. Perfil demográfico da população indígena Xavante de Sangradouro-Volta Grande, Mato Grosso (1993-1997), Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v.17, p.355-365, 2001.

TEIXEIRA, P, BRASIL, M.C. Estudo demográfico dos Sateré-Mawé: um exemplo de censo participativo. In: Pagliaro H, Azevedo MM, Santos RV (Orgs.). *Demografia dos Povos Indígenas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 135-154.

VALENCIA, M.M.A, SANTOS, R.V, COIMBRA JR, C.E.A, OLIVEIRA, M.V.G, ESCOBAR, A.L. Aspectos de la fecundidad de mujeres indígenas Suruí, Rondônia, Brasil: una aproximación. *Revista Brasileira de Saúde Materno- Infantil*, v.10, p.349-358, 2010

WONG L, MORELL M.G.G, CARVALHO R.L. Notas sobre o comportamento reprodutivo da população autodeclarada indígena: Censos Demográficos 1991 e 2000. *Revista Brasileira de Estudos da População*, v.26, p.61-75, 2009